



A implantação do parque exibidor no Espírito Santo

1

Diego LOCATELLI²

Gabriela ALVES³

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

RESUMO

O cinema tem como seu dispositivo de propagação imagética, para um grande público, o parque exibidor. Para que a implantação da sala cinematográfica tenha sido concretizada no século XX, promoveram-se diversas rupturas com padrões de exibição antecedentes. Esta pesquisa visa compreender os processos que envolveram essas transformações no padrão de exibição entre os séculos XIX e XX, no Espírito Santo e suas regiões

PALAVRAS-CHAVE: Salas de cinema; Espírito Santo; História; Modernidade

TEXTO DO TRABALHO

O choque da experiência urbana e o cinema.

Apaga-se a luz elétrica, fica a sala em trevas e na tela dos fundos aparece a projeção luminosa [...] Talvez por defeito das fotografias de que se sucedem rapidamente, ou por inexperiência de quem trabalha com o aparelho, algumas cenas, movem-se indistintamente em vibrações confusas; outras, porém, ressaltavam nítidas, firmes acusando-se em um relevo extraordinário, dando magnífica impressão da vida real [...] O espetáculo é curioso e merece ser visto, mas aconselhamos aos visitantes a se acautelarem contra os gatunos. Na escuridão negra em que fica a sala durante a visão, é muito fácil aos amigos do alheio o seu trabalho de colher o que não lhes pertence (*Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 8 fev 1897, p. 1).

A vida moderna proporcionava ao homem da época uma experiência urbana diferente de outros momentos. Esta caracterizava-se pela intensificação da atividade comercial, a proliferação dos sinais e a nova densidade e complexidade do trânsito das

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Aluno da universidade Federal Do Espírito Santo, cursando o quarto período de Comunicação Social – Audiovisual. Bolsista de Pibic. Iniciação Científica sobre Cinema. email: locatelli.dg@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), Professora do departamento de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)



ruas, gerando uma experiência que se contrastava com a do período pré-moderno, onde os problemas urbanos ainda não eram tão significativos (SINGER, 2001)

Nos Estados Unidos, a imprensa reflete esse caos a partir de um discurso sobre a vida moderna, que explora estímulos terríveis e agressivos como a violência urbana, as grandes multidões e o choque do pré-moderno com o moderno. O tema distópico dominante da virada do século destacava os terrores do trânsito da cidade grande, em especial com relação aos riscos do bonde elétrico (SINGER, 2001).

Os retratos da modernidade urbana na imprensa ilustrada parecem flutuar entre uma nostalgia antimoderna de uma época mais tranquila, de um lado, e uma fascinação básica pelo terrível, pelo grotesco e pelo extremo de, outro (SINGER, 2011, p. 132).

Nesse momento em que o homem urbano envolve-se em experiências carregadas de novas tecnologias, de grotesco e extremos, surgem locais que possuíam espetáculos com essa tônica da diversão moderna. Um dos locais mais visitados em Paris em 1888 era o necrotério, uma atração carnavalesca para a qual as pessoas compravam entrada e depois andavam por um galpão boquiabertos com o que viam (SCHWARTZ, 2001). Em 1905 o crítico inglês Archibald Haddon observa que “O elemento humano simples e expansivo não mais encanta. Dramas de viagem, nos dias de hoje, não são propriamente montados a menos que cada cena seja um grito, cada título, um berro” (SINGER, 2001). Nesse contexto que Haddon analisa, possuímos o cinema - como exibição e produção -, sendo relacionado a uma inovação que carrega os mistérios e extremos da vida urbana, não somente em seu conteúdo – cenas de incêndios, catástrofes e dançarinas exóticas eram projetadas -, mas também em sua capacidade de projetar através de luz imagens reais, as quais as pessoas se identificam e se assombram, com esta inovação tecnológica.

No Rio de Janeiro essa identificação era constante em filmes que tinham como titulação “naturais”, pois esses tinham paisagens e era possível identificar pessoas públicas em suas projeções. Neste momento começa a ser semeada a relação de “reflexo e refletido” entre o cinema e a sociedade brasileira (GONÇALVES, 2011).

Mesmo no período anterior a 1907, o espetáculo cinematográfico[...] já conquistava o público da então capital brasileira. Era ainda o caráter espetacular e de magia contido na projeção da imagem em movimento que compunha grande parte da sedução exercida sobre o público.[...] No programa destacava-se a presença de vistas de localidades cariocas nas quais, apesar de menos nítidas que as importadas, era possível reconhecer diversas pessoas (GONÇALVES, 2011, p. 37).



Nesta época, o cinema como exibição ainda está marginalizado, obscuro, ainda não possui locações apropriadas e sobrevive em meio à

Animais adestrados, mulheres barbadas, prestidigitadores, músicos e dançarinos de espetáculos de tradição popular [...]. E como atrações suplementares, novidades mecânicas muitas vezes apresentadas pelo mágico da companhia. A antiga lanterna mágica de projeção de imagens, vinda do século XVII, se modernizava em cosmoramas apresentados na Rua do Ouvidor e nos cafés-concertos em torno da Praça Tiradentes. A misteriosa Inana que ao longo do dia levitava frente a um público maravilhado é provavelmente efeito do sylphorama trazido e explorado pelo tcheco Figner naquele final de século (MOURA, 1987, p. 13-14).

A transição do pré-moderno para o moderno reflete-se na mudança de paradigmas da sociedade, umas delas é a forma em que a indústria cinematográfica é conduzida e o espaço que ela ganha no contexto moderno. Após a sua primeira fase em meio a atrações circenses e de feiras, a obra cinematográfica ganha narrativa em seu corpo artístico e uma nova espécie de parque exibidor surge para acompanhar a ascensão da linguagem cinematográfica em meio à população urbana moderna, a sala de exibição.

O primeiro momento cinematográfico brasileiro e a inserção ideológica modernizadora.

O cinema começou a ser visto como dispositivo modernizador, excitando o imaginário popular e disseminando o ideal progressista, moderno e civilizador presente na ideologia das classes dominantes. Além da preocupação com a relação do “reflexo e refletido” entre o cinema e a sociedade brasileira, havia a preocupação com a imagem que seria exportada do Brasil (GONÇALVEZ, 2011).

Embora ainda impossibilitada de realizar uma expansão mais sólida e consistente, a burguesia industrial brasileira já via disseminada a ideologia “modernizante civilizatória” que a acompanhava. A ideologia que suas similares européia e norte-americana professavam no hemisfério norte já havia desembarcado nos trópicos, e o cinema produzido no Brasil, nesse período, tratava de disseminá-la por entre as diversas camadas sociais, contribuindo para a forja de um projeto de nação que vislumbrava a entrada do Brasil no rol dos países capitalistas (GONÇALVEZ, 2011, p. 59).

Este dispositivo moderno, segundo Ortiz (1989), representa essa preocupação das classes dominantes com “o que diriam os estrangeiros de nós”, culminando em uma “dependência aos valores europeus [...] o esforço de esculpir um retrato do Brasil condizente com o imaginário civilizado” (p.34). Esta busca em tornar comum ao



espectador estrangeiro a “inserção ideológica” proposta ao cinema, idealizado pelas classes dominantes, torna o produto cinematográfico uma produção cultural que manifesta sua “vontade antecipatório da modernização [...]”. O cinema estabelecia-se como importante símbolo da modernidade e da civilização” (GONÇALVEZ 2011, p. 55 –57).

A implantação das salas de cinema no Espírito Santo.

Em seu primeiro momento cinematográfico, o estado do Espírito Santo possuiu exibições ambulantes, carentes de estruturas arquitetônicas que sustentassem as necessidades técnicas de projeção.

Num primeiro momento, o seu surgimento no início do século XX se deu de forma itinerante, improvisada, e em locais descampados e pouco equipados. Além disso, não precisava ter boas condições de acessibilidade e era flexível no que dizia respeito a programação para adequar-se aos horários do público, aproveitando-se da proximidade dos bondes e seus habitantes que ainda não estavam acostumados com novas formas de cultura “civilizada” oriunda do progresso que se representava (MALVERDES, 2008, p.138)

O Teatro Malpômeme, inaugurado em 1896, deu início a implantação do parque exibidor no estado, mas ainda em seu estado primitivo – ainda não voltado completamente para a exibição cinematográfica. Era localizado no antigo “Largo da Conceição, atualmente Praça Costa Pereira, no centro de Vitória” (MALVERDES, 2008, p.75), capital do Espírito Santo. O Melpômeme possuía estrutura onde eram exibidas pequenas películas cinematográficas e também companhias de atores do Rio de Janeiro e São Paulo (TATAGIBA, 1988). Havia iluminação própria no local e assentos para oitocentas pessoas. A construção deste deu-se ao final do mandato de Moniz Freire, governante responsável por iniciar o projeto modernizador da capital capixaba, Vitória. Este governo também ficou marcado pelo investimento no setor de mobilidade, com ênfase no transporte do café, que tinha seu mercado aquecido após a vinda de imigrantes europeus destinados a trabalhar no campo, para repor a mão de obra perdida após as medidas abolicionistas tomadas pelo governo federal (MOREIRA, 2007).

O cinema neste momento ainda não possui autonomia arquitetônica, sobrevive como uma atração em meio a outras atividades artísticas.

O Melpômeme era um teatro. No entanto, como era comum na época, costumava ser usado como sala de exibição de filmes. Durante um desses filmes, em 1924, ocorreu um princípio de incêndio, que até hoje, de maneira exagerada, habita o folclore capixaba (TATAGIBA, 1988, p. 33).



Em janeiro de 1907 foi fundado em Vitória um parque exibidor que detinha configurações mais aproximada dos salões de variedades vistos na virada do séculos XIX para o XX na região Sudeste brasileira. Este chamava-se Éden Cinema, de propriedade dos senhores Camões & Mayo (TATAGIBA, 1988). “No Espírito Santo, o Éden Cinema pode ser considerado um autêntico vaudeville” (BRAVIN, 2007, p. 20), pois ele possuía além de suas projeções cinematográficas - em sua maioria documentários - jardim, bar e bilhar.

O Éden Parque possuía algumas atrações para seus clientes: eles podiam beber, jogar, e ouvir um piano, pequenas orquestras tocando operas ou valsas e algumas vezes cinematógrafos. Era também ponto de encontro para discutir política, negócios ou apenas para conversar. O local era frequentado principalmente por homens (MALVERDES, 2008, p. 77).

Anterior ao governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912) tínhamos o Centro de Vitória desprovida de energia elétrica e saneamento básico. Neste período de transição do segundo governo de Moniz Freire para o governo de Jerônimo Monteiro, tivemos a “construção da primeira hidroelétrica, com captação de água do rio Jucu. Sendo assim, foi possível fornecer energia elétrica” (MONTEIRO, 2007, p.91) para a cidade, elemento indispensável ao parque-exibidor cinematográfico, como o Éden Cinema. Foi durante esta transição de governo que foram instalados serviços de iluminação elétrica urbana, abastecimento de água e esgoto, além de promover reformas urbanas em ruas da capitais, resultando assim na consagração de bondes elétricos e automóveis como veículos de transportes urbanos (MALVERDES, 2008).

As reformas que foram executadas na capital do Espírito Santo visavam imprimir a mesma representação moderna-urbana que, o prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos desejava em sua cidade. Uma grande obra a cargo do governo federal foi feita na capital do Brasil da época, a construção da avenida Central, símbolo da modernidade carioca. A obra cortava a antiga cidade, como feito em Paris pelo prefeito Haussmann, logo, problemas eram encontrados, pois havia imóveis pertencentes a população de baixa renda – cortiços, casas de cômodos e pequenos comércios (REZENDE, 1999).

Embora cada cidade seja única e seu desenvolvimento obedeça a razões particulares, o crescimento das maiores capitais brasileiras, entre elas a do Estado do Espírito Santo, estava na década de 10 condicionado a uma mesma perspectiva, a modernidade (MALVERDES, 2008 p. 70).

Com os processos modernizadores ocorrendo no Brasil do começo do século XX, as capitais dos estados que compõe o país começam a ganhar novas configurações.



A nova experiência urbana cotidiana traz a população novas formas de locomover-se pelo território, a experimentar avanços tecnológicos, enfrentar problemas urbanos modernos e vivenciar mudança de configurações arquitetônicas das cidades. No Rio de Janeiro, capital do Brasil durante a virada para o séculoXX, a nova experiência urbana contribuiu para a implantação de parques exibidores voltados completamente para a exibição de películas cinematográficas.

Com essas mudanças de configuração urbana ocorrendo no desejo nacional de modernização de suas capitais, os cinemas começam a surgir e mudar seus próprios processos cotidianos de exibição. No Rio de Janeiro, os processos levam a parques exibidores voltados para a projeção de películas cinematográficas, já o Espírito Santo ainda possui seus parques exibidores com características dos salões de variedades, mais conhecidos como *vaudevilles*.

Os processos cinematográfico no Espírito Santo a partir da década de 20

A partir da década de 20 do século XX, este quadro de exibição que acontecia no começo do século no Espírito Santo começa a ser alterado. Salas voltadas somente para a exibição cinematográfica começam a surgir. Nesta época, a busca pela modernização ainda era presente. As ruas do Centro foram reconfiguradas com suas vias alargadas, além de drenadas e pavimentadas. Nesta mesma década ainda tivemos a construção da ponte Florentino Ávidos - nome do governador da época- a construção do teatro Carlos Gomes, a inauguração do hospital da Ilha da Pólvora e estradas abertas cortando o estado. Neste contexto temos o surgimento do Cine Central, criado em 1921 (TATAGIBA, 1988).

A imprensa local posicionou-se quanto ao surgimento do parque exibidor na capital do Espírito Santo. No Diário da Manhã, impresso publicado na capital, houve uma matéria sobre a inauguração do Cine Central. Nesta, era demonstrada o status moderno que o parque exibidor carregava para as cidades em que ele era implantado. (MALVERDES, 2008)

“Inaugurou-se finalmente, a nova casa de diversões Cine Theatro Central, acontecimento que todo o Publico de Victoria esperava com justificativa ânsia [...] veio demonstrar que já somos uma capital e que já era presente a necessidade de termos uma casa como aquela” (*Diário da Manhã*. Vitória 10 maio. 1921)

Outro cinema que foi criado durante esse momento cinematográfico, no qual as salas ganham configurações exclusivas a exibição cinematográfica é o Politeama.



Inaugurado em 21 de outubro de 1926, por José Bento Ferreira, localizado na Avenida República, ampla avenida do Centro de Vitória (TATAGIBA, 1988).

Durante a década de 20 tivemos a expansão da cafeicultura, “baseada em pequena propriedade” (MONTEIRO, 2007, p.98) para a região Norte. Como café era principal aquecedor econômico do estado na época, observamos a chegada dessa cultura como uma forma de desenvolvimento econômico para a região. Neste sentido, temos a ausência de criação de salas de cinema neste período na região do Norte do estado, que ainda se apresentava em desenvolvimento econômico calcado na implantação da cafeicultura e exportação do café.

Já o Sul do estado possuía um padrão de desenvolvimento mais elevado. Fatores que contribuíram para este contexto político-econômico foi a proximidade da região com a capital do Brasil da época, geração de renda pela cafeicultura, favorecimento geológico e presença marcante na política do estado (COSTA e SALDANHA, 2011). Neste período tivemos a inauguração de quatro salas nesta região: Brasil, do proprietário João de Deus Madureira, Guaçuí, do proprietário José Moraes, Idela, do proprietário Knogin Nakamura e Central, do proprietário José Fernandes (OLIVEIRA, GONÇALVES e TARDIN, 1982)

Nessa primeira ascensão do parque cinematográfico na década de 20, temos a imagem do parque-exibidor associada aos processos modernizadores da capital capixaba. “É nesse sentido que se fixava a atividade cinematográfica, que passa a ter um de símbolo da civilização moderna” (MALVERDES, 2008, p. 138)

As três primeiras décadas do século XX, no Espírito Santo foram, para o cinema, de implantação do sistema exibidor exclusivo cinematográfico. Outros parques exibidores também exibiram na época, como o Teatro Carlos Gomes (que teve sua primeira exibição em 1929) e o Teatro Glória (fundado já em 1932 com cinema e teatro), estes alternavam suas exibições com apresentações de companhias de teatro. O período entre o final da década de 30 ao início da década de 50 foi marcada pelo desenvolvimento de novas salas pela capital e interior do estado. A abertura destas “passou a ser símbolo da emancipação dos bairros, da mesma forma que o cinema se espalhou pelo interior simbolizando os importantes centros regionais” (MALVERDES, 2008, p. 138)

A década de 50 ficou conhecida como o início do “Período Áureo” (TATAGIBA 1988) das salas de cinema no Espírito Santo. Neste período, a Grande Vitória possuía 11 cinemas, sendo destacados entre eles na capital: o Cine Trianon



(1949), Cine Vitória (1950), Cine São Luiz (1951), construído no local do antigo Cine Politeama, o Cine Santa Cecília (1955) e o Cine Jandaia (1955). Fora da capital havia o Cine Capixaba, em São Torquato, o Cine American, o Continental e o Dom Marcos, em Vila Velha e O Hugolândia e Ouro Verde, em Jardim América (TATAGIBA 1988).

O Período Áureo do cinema capixaba no interior do estado.

Neste período, o campo capixaba vive intenso processo de aumento populacional, como foi o caso de Linhares, onde a população entre a década de 50 a 60 praticamente dobrou de quantidade (MONTEIRO, 2007). O governador Carlos Linderberg, sobrinho de Jerônimo Monteiro, foi quem deu “especial atenção” (MONTEIRO, 2007, p.120) ao ambiente rural. Implantou medidas como: estímulo ao plantio do café, ampliação da produção de leite, expansão da malha ferroviária e alargamento das fronteiras agrícolas no noroeste do Espírito Santo. Durante a consolidação da ocupação do norte do estado e políticas que excitavam o mercado agrícola do campo capixaba, temos a criação de 14 salas de cinema no interior do estado, durante o considerado “Período Áureo” do cinema no Espírito Santo (OLIVEIRA, GONÇALVES e TARDIN, 1982).

Na volta de Carlos Linderber ao governo do estado, no ano de 1958, temos uma política diferente da primeira aplicada por este. O campo agora sofre com um processo implantado pelo governo federal: o Programa Nacional de Erradicação dos Cafezais Improdutivos. Neste tivemos como consequência o Êxodo Rural (cerca de 146.000 pessoas) e processo de urbanização acelerado, notadamente da Grande Vitória, local da maior absorção dessas diásporas em massa (MONTEIRO, 2007, p. 131). Contribuiu também para o declínio da economia cafeeira a implantação do Regime Militar no Brasil. Este trazia como tendência o desenvolvimento do setor industrial, fazendo a economia baseada na cafeicultura de pequena propriedade minguar, sendo substituída por latifundiários do setor agropecuário. Neste contexto histórico, temos o encerramento das atividades de cerca de 23 parques-exibidores no interior do estado do Espírito Santo, a maioria destes do começo da década de 60 ao meio da década de 70 (OLIVEIRA, GONÇALVES e TARDIN, 1982)..

Encerramento das atividades do parque exibidor localizado nas ruas.



A partir de 1980 a população do Espírito Santo sofre com mudanças sócio-econômicas, que resultam também na mudança do padrão estrutural do comércio no estado.

Os modelos de comercialização também teriam que ser, portanto, rompidos. O shopping Center, enquanto unidade integrada de vendas que reúne uma série de condições de caráter multifuncional, racionaliza os deslocamentos ao reunir num ponto da cidade uma diversidade de atividades, a segurança, e a facilidade de estacionamento, reduzindo-se a distância econômica (ABE, apud MALVERDES, 2008, p. 109).

Neste momento temos os shoppings centers como referência de centro comercial e de lazer da população no Espírito Santo. Neles vamos encontrar as conseqüências da diáspora dos consumidores do Centro de Vitória para os centros de comércio fechados, climatizados e seguros, chamados de Shopping Centers. Uma destas mudanças é a mudança do parque exibidor de rua para o parque exibidor dentro deste novo centro comercial.

A partir desta mudança de perfil, com o eixo deslocado do centro da cidade para outras regiões, como a Praia do Canto, deu-se um esvaziamento do público cinéfilo do centro da cidade, onde no passado estavam localizados seus principais cinemas, e a freqüência ficou exclusiva às salas do Shopping Vitória (ALMEIDA, 2009, p.52)

Ao final da década de 80, no Espírito Santo, temos um novo padrão de salas de cinema, com novas tecnologias e paradigmas comerciais diferentes dos vistos nos cinemas populares de rua. A mudança das salas de exibição primitivas desenvolvimento, para as salas voltadas arquitetonicamente à exibição cinematográfica, ocorreu entre o período que consiste do final do século XIX, até a última década do XX. Após este, consolidou-se até aos dias atuais o parque exibidor localizado em Shopping-Centers.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Sérgio de. **Números atuais sobre o cinema no Brasil e no estado do Espírito Santo**. In: ZARDO, Julia (org.). **Estudo da cadeia produtiva do audiovisual do Estado do Espírito Santo**. Vitória: Instituto Gênese da PUC-Rio & SECULT-ES & SEBRAE-ES, 2009

BRAVIN, Patrícia. **O Aapparelho Guarany e o primeiro cinema no Espírito Santo**. In: OSÓRIO, Carla (org). **Catálogo de filmes: 81 anos de cinema no Espírito Santo**. Vitória, 2007



COSTA, Marco Aurélio Borges, SALDANHA, Jeferson Mendes. *In:* MARIN, Andréia. **Vestígios da História Sul capixaba**. Vitória: Flor&cultura, 2011.

GONÇALVES, Mauricio R. **Cinema e identidade nacional no Brasil**. São Paulo: LCTE Editora, 2009

MALVERDES, André. **No escurinho dos cinemas: a história das salas de exibição na Grande Vitória**. Vitória: A.Malverdes, 2008

MOREIRA, Thais Helena. **História e Geografia do Espírito Santo**. Vitória, 2007.

MOURA, Roberto. **A Bela Época (Primórdios-1912) Cinema Carioca (1912-1930)**. *In:* RAMOS, Fernão (org.). **História do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Art Editora Ltda, 1987

OLIVEIRA, Cícero Peixoto de, GONÇALVES, Gilcécia Lima, TARDIN, Maria das Graças. **Cinema no Espírito Santo: um estudo de caso sobre o fechamento das salas**. 75 f.. Monografia. Vitória: UFES/Departamento de Comunicação Social, 1982.

SINGER, Ben. **Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular**. *In:* CHARNEY, Leo (org.), SCHWARTZ, Vanessa R. . **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: COSac e Naify Edições, 2001

SCHWARTZ, Vanessa R. . **O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto público pela realidade na Paris fim-de-século**. *In:* CHARNEY, Leo (org.), SCHWARTZ, Vanessa R. . **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 2001

TATAGIBA, Fernando. **História do cinema Capixaba**. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1988.

Diário da Manhã. Vitória 10 maio. 1921

Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 8 fev 1897